

LIVRO RETRATO:

UMA EXPLORAÇÃO POR DESIGN COLABORATIVO E EDUCAÇÃO POPULAR



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Design

LIVRO RETRATO:
UMA EXPLORAÇÃO POR DESIGN
COLABORATIVO E EDUCAÇÃO POPULAR

Débora Borba Prazim Franco
Orientado por Solange Coutinho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Design do Centro de Artes
e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito parcial para obtenção do grau
de Bacharel em Design

Recife, setembro de 2023.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Franco, Débora Borba Prazim.

Livro Retrato: uma exploração por design colaborativo e educação popular /
Débora Borba Prazim Franco. - Recife, 2023.

47 p. : il.

Orientador(a): Solange Galvão Coutinho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2023.

10.

Inclui referências, apêndices.

1. Design participativo. 2. Educação popular. 3. Promoção da autonomia da
mulher. 4. Leitores adultos iniciantes. I. Coutinho, Solange Galvão. (Orientação).

II. Título.

760 CDD (22.ed.)

Resumo

O memorial aborda a história do projeto “Retrato”, que surgiu como parte da disciplina de Memória Gráfica & Design/Educação durante o semestre de 2021.2. O objetivo foi explorar a conexão entre Memória Gráfica e Design/Educação, criando artefatos gráficos educacionais para mulheres da comunidade de Aguazinha, em Olinda, que buscavam melhorar suas habilidades de leitura e escrita.

O projeto envolveu o uso de Design Participativo e inspiração na educação popular de Paulo Freire para promover a participação ativa das estudantes na criação do material educacional. O livro “Retrato” foi uma decorrência desse projeto, apresentando pequenas autobiografias escritas pelas mulheres, ilustradas com fotos. O memorial detalha o processo de desenvolvimento do livro, incluindo desafios e aprendizados.

Palavras-chave: design participativo, educação popular, promoção da autonomia da mulher, leitores adultos iniciantes

Abstract

The “Retrato” project’s history originates from the Graphic Memory & Design/Education course during the 2021.2 semester. The project aimed to explore the connection between Graphic Memory and Design/Education and create educational graphic artifacts for women in the Aguazinha community, Olinda, who were seeking to improve their reading and writing skills.

The project involved the use of Participatory Design and drew inspiration from Paulo Freire’s popular education to promote active participation of the students in the creation of educational materials. The book “Portrait” was an outcome of this project, featuring small autobiographies written by the women, illustrated with photographs. The memorial details the process of developing the book, including challenges and insights.

Keywords: participatory design, popular education, women’s autonomy promotion, adult beginner readers

Agradecimentos

Com profunda gratidão, desejo expressar meu reconhecimento especial à Professora Solange. Suas orientações e ajuda superaram todas as expectativas, chegando a se tornar verdadeiras sessões terapêuticas. Vou sentir falta desses momentos juntas.

À minha mãe, que nunca deixou de me apoiar em todas as etapas da minha vida, agradeço do fundo do meu coração.

E ao meu marido, Diogo, que está ao meu lado durante toda essa jornada, quero agradecer por sua paciência e bondade infinitas. Eu não poderia ter um parceiro melhor.

Sumário

8 Introdução

11 Design Participativo e Educação Popular:
Diálogo e Transformação

15 Objetivos

16 Processo

34 Considerações Finais

39 Referências

40 Apêndice

Introdução

A história do projeto “Retrato” tem origem na disciplina de Memória Gráfica & Design/Educação durante o semestre de 2021.2, ministrada pela professora Solange Coutinho e o estagiário docente Flávio Barbosa. O objetivo desse grupo de estudo foi o de explorar as possíveis conexões entre Memória Gráfica e Design/Educação, bem como desenvolver artefatos gráficos educacionais com base nessa abordagem para, inicialmente, estudantes do ensino fundamental ou médio.

Na mesma época, minha mãe tornou-se membro da Igreja RIO e começou a se envolver em diversos projetos sociais, incluindo um que despertou meu interesse, de letramento. Depois que eu falei, em uma aula de Memória Gráfica, sobre meu interesse neste projeto, foi aberta uma exceção para o meu grupo, para que trabalhássemos nele, com mulheres da comunidade de Aguazinha – bairro da cidade de Olinda – com idades acima de 40 anos, que iniciavam ou aprofundavam os estudos para o domínio da leitura e da escrita.

Durante o desenvolvimento das atividades da disciplina, tive a oportunidade de realizar várias visitas ao projeto e assistir às aulas juntamente com as participantes. Essa imersão proporcionou uma compreensão mais profunda das necessidades e experiências dessas mulheres em relação ao letramento. Ao elaborar artefatos educacionais para elas, pude conhecer melhor suas histórias — o que será relatado mais adiante.

Após a conclusão da disciplina e a entrega do trabalho final, mantive contato e continuei participando de eventos com aquela turma. Por volta de setembro de 2021, elas estavam

investidas em um movimento para uma espécie de “formatura”, embora não fosse uma formatura tradicional. Cada uma das mulheres que frequentavam as aulas havia escrito um pequeno texto sobre si mesma. A professora, Maria José, havia coletado esses textos e tinha o objetivo de transformá-los em um livro. Seguidamente, um fotógrafo se voluntariou para retratar cada uma das estudantes, por ocasião da cerimônia que também estava sendo planejada ao mesmo tempo.

Devido à minha experiência anterior com a produção de livros, fui procurada para saber se eu estava disponível e interessada em participar dessa iniciativa. Aceitei prontamente e, ao combinar cada história com uma foto, surgiu o nome do livro: “Retrato”. Esse título aludia não somente à imagem retratada de cada uma, mas aos textos, que representavam uma parte essencial de sua identidade.

Assim, o projeto “Retrato” nasceu da junção entre minha experiência na disciplina de Memória Gráfica & Design/Educação, meu envolvimento com as alunas do projeto, o desejo de criar uma proposta que utilizasse o design gráfico como uma ferramenta educacional significativa para promover o letramento, e a valorização das histórias dessas mulheres.

Meu objetivo na diagramação do livro “Retrato” foi criar uma experiência de leitura que valorizasse as histórias pessoais dessas mulheres que participaram do Projeto de Alfabetização. A versão digital do livro pode ser acessada no link: <https://drive.google.com/file/d/1atVOYIz97BDblWX3ISa7BnO2Qa25ZNPj/view?usp=sharing>.



Figura 1 - Mapa onde se vê o bairro de Aguazinha em Olinda. Fonte: Google.

Design Participativo e Educação Popular: Diálogo e Transformação

No contexto da busca por abordagens mais significativas e frutíferas no campo do design e da educação, emerge uma convergência salutar entre os princípios do Design Participativo e da educação popular de Paulo Freire. Essa interseção enfatiza o papel central do diálogo, da inclusão e do empoderamento nos processos de criação e aprendizado.

A abordagem do Design Participativo (DP), como definido por Robertson e Simonsen (2013), envolve a participação ativa dos usuários e outras partes interessadas no processo de co-criação de soluções e produtos. Segundo os autores, o DP busca envolver os participantes de forma significativa e inclusiva, valorizando a diversidade de vozes e contribuições (p. 225). Os designers atuam como **facilitadores**, buscando envolver os participantes, valorizando a diversidade de vozes e contribuições.

11

Nessa perspectiva, o **diálogo horizontal** desempenha um papel fundamental, colocando o público que utiliza os produtos e intervenções no centro do processo criativo. As perspectivas e experiências de cada um que convive com os artefatos são consideradas como as de **especialistas em suas vivências**.

No artigo “Trazendo o design de volta à vida: considerações antropológicas informadas sobre as implicações sociais do design”, Zoy Anastassakis e Elisa Kuschnir (2013) destacam a importância de abordar o design de forma antropológica informada, isto é, considerando o contexto social e cultural das soluções. Para as autoras, o design não se limita à prática técnica; é um fenômeno social, intrinsecamente conectado às dinâmicas sociais e culturais de uma comunidade ou sociedade específica.

O design reflete e é influenciado pelas pessoas, suas necessidades e valores, impactando diretamente a vida e experiência dentro da comunidade. O artigo enfatiza ainda a necessidade de envolver as partes interessadas e promover uma visão mais ampla e inclusiva do design, que leve em conta a diversidade cultural e as implicações sociais de suas intervenções.

Essa abordagem ressoa com as ideias de Paulo Freire sobre a educação popular. O educador destaca, em *Pedagogia do Oprimido*, que a educação popular é baseada na conscientização e na **participação crítica** dos educandos, onde o diálogo horizontal é fundamental para a construção do conhecimento e a transformação social.

12

Freire afirma “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 82). A participação ativa e o diálogo entre educadores e educandos seriam portanto essenciais para uma educação emancipadora. Os educadores passam a ser os **facilitadores** do aprendizado, no lugar de serem detentores do conhecimento.

O livro *Que fazer – Teoria e prática em educação popular*, de Paulo Freire e Adriano Nogueira (1982), apresenta uma abordagem detalhada sobre a educação popular como uma forma de conscientização e empoderamento das comunidades marginalizadas e oprimidas. O termo “educação popular” refere-se a um modelo de ensino que se baseia nos princípios da democracia, participação e diálogo, buscando envolver ativamente os educandos no processo educacional.

Nesta obra, os autores discutem a importância da educação popular como uma ferramenta para a transformação social e a superação das desigualdades. Freire e Nogueira (1982) acreditam que sua prática deve ser comprometida com a luta por justiça social e pela igualdade de direitos, levando em conta **a realidade e as experiências de vida** das pessoas envolvidas.

Uma das principais características da educação popular, conforme discutido no livro, é a abordagem dialógica. Em vez de adotar uma postura bancária, na qual o educador é o detentor do conhecimento e o educando é apenas um receptor passivo, busca-se criar um espaço de diálogo e troca entre educadores e educandos. Nesse contexto, os participantes são incentivados a compartilhar suas vivências, opiniões e conhecimentos prévios, enriquecendo assim a construção coletiva do saber.

Outro aspecto importante é a relevância da cultura local e da história das comunidades envolvidas. A educação popular valoriza as tradições, saberes e práticas culturais de cada grupo social, reconhecendo a importância da identidade e do contexto no processo educacional. Além disso, os autores (op. cit) enfatizam a importância da conscientização política. Conscientizar-se significa, para eles, tomar consciência da própria realidade e do contexto social e político em que se vive, compreendendo as relações de poder e a estrutura de opressão que existem na sociedade.

A conscientização seria o primeiro passo para a transformação, pois a partir dela seria possível para as pessoas se tornar sujeitos de sua própria história, e então atuar para mudar sua realidade.

Nessas análises do trabalho de Paulo Freire e Adriano Nogueira, e dos escritos de Zoy Anastassakis e Elisa Kuschnir percebe-se uma harmonia substancial entre o Design Participativo e a educação popular. Na forma como concebemos e aplicamos o design, e a forma como entendemos e buscamos a educação transformadora.

As duas abordagens valorizam a **participação ativa** e o **diálogo horizontal** como elementos fundamentais para empoderar as pessoas, considerando-as agentes ativos na construção de soluções relevantes e de transformações significativas para suas vidas e comunidades.

Tanto o Design Participativo quanto a educação popular reconhecem que as pessoas têm conhecimentos, experiências e habilidades únicas, e que essas contribuições são fundamentais para o sucesso, seja de um projeto ou de um processo educacional. Ambas buscam promover a autonomia, a criatividade e o empoderamento das pessoas, criando espaços para a expressão de suas vozes e valorizando suas identidades culturais e sociais.

A partir desses conceitos é que foi desenvolvido o trabalho de campo deste projeto. Baseada neles, fiz um acompanhamento nas aulas, propus algumas atividades e realizei entrevistas com as educandas. Pessoalmente, reconheço a importância de uma educação emancipatória na transformação do mundo e vejo o design gráfico, inclusive em livros, como uma ferramenta mediadora nessa jornada.

Objetivos

O projeto “Retrato” teve por objetivo principal a produção do livro, formado pela coletânea de pequenas autobiografias escritas pelas mulheres que participavam da turma de letramento.

Essas autobiografias são relatos pessoais que expressam suas experiências, desafios e conquistas ao longo da vida. A ideia é dar voz e visibilidade a essas mulheres, agindo para que suas histórias sejam conhecidas e compartilhadas.

A relevância desse projeto está no fato de que ele permite difundir e apreciar as experiências de vida das estudantes do Projeto de Alfabetização. Principalmente, pretende-se proporcionar uma oportunidade para essas mulheres se expressarem, apresentarem suas histórias e se sentirem empoderadas. O livro “Retrato” foi pensado como uma forma tangível de reconhecimento e celebração das vidas delas.

Usando o design gráfico e a diagramação como mediadores, dando suporte ao processo de educação de forma cuidadosa e sensível, buscou-se criar uma experiência de leitura que respeite a singularidade de cada autobiografia, ao mesmo tempo tendo em mente as limitações impostas pela forma artesanal de impressão que seria empregada, e que possa envolver e inspirar seus leitores.

Processo

Inserção ativa, Pesquisa e Desenvolvimento de Material Didático

Após as definições iniciais do que seria a fase de pesquisa para o trabalho a ser desenvolvido na Disciplina de Memória Gráfica & Educação/Design, adotamos como primeiro passo uma entrevista com a professora encarregada das aulas (transcrição anexada como Apêndice). As minhas visitas às aulas de alfabetização do Projeto Dona de Nós começaram pouco depois, em meados de abril de 2022.

Quando cheguei, a maioria das alunas já apresentava alguma evolução, e nem todas eram completamente analfabetas, mesmo antes de começaram a frequentar os encontros. A turma tinha cerca de 15 alunas mais assíduas, que trabalhavam junto com a Professora Maria José. Embora na entrevista a professora tenha citado uma riqueza de materiais diferenciados que ela já havia utilizado, durante todo meu acompanhamento foram aplicadas atividades de material didático infantil encontrado na internet (Figura 2).

A princípio houve um estranhamento com a minha presença, embora eu tenha tentado explicar, na primeira vez, que estava ali para fazer pesquisas para meu curso de Design. Na maioria das visitas, eu apenas ficava sentada em uma das cadeiras, que eram normalmente dispostas em fileiras, anotando os assuntos das atividades e as observações que elas faziam, e suas reações.

Na primeira aula que assisti, elas estavam revendo a letra R. Observei que trabalharam no quadro a frase “o rato roeu a roupa do rei de Roma” e que isso as deixou muito confusas, pareceu que era porque não viam sentido nela. Nessa mesma aula achei interessante que uma pediu permissão para pintar a figura do ratinho na cruzada do R (Figura 3).

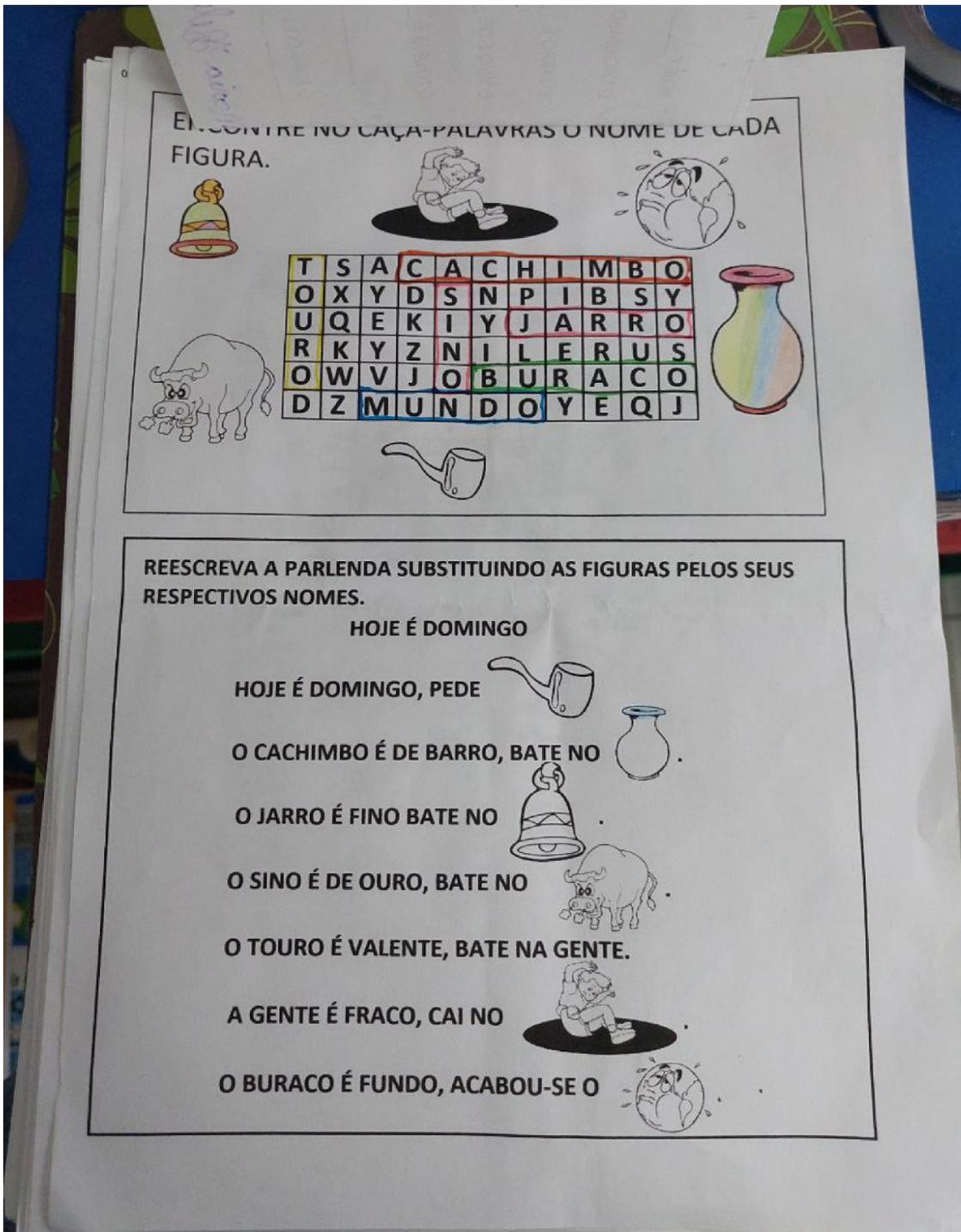


Figura 2: Exemplo de material didático utilizado pela professora (Foto: da autora).

Era comum para além das atividades, a professora colocar algumas falas próprias ou delas, no contexto do dia, para ser trabalhadas no quadro. Isso ressoava com o que ela havia me dito na entrevista, que queria associar bem a fala e a escrita, e que elas pudessem compreender que tudo que é dito pode ser escrito da mesma forma que se fala.

ESCOLA: União Social DATA: 15/2/22
 NOME: A Natúcia de Santos

R CRUZADINHA LEGAL RR

1. coração
2. rato
3. coruja
4. rastelo
5. arara
6. peru
7. jacaré
8. perereca
9. remo
10. coroa
11. pirulito
12. rádio
13. urubu
14. pera
15. buraco
16. rodo
17. camarão
18. lamparina
19. árvore
20. xarope
21. barata
22. roda
23. fogueira
24. amora

Figura 3: Material que estava sendo trabalhado na minha primeira visita, em 29/03/2022. (Foto: da autora).

Roteiro da Dinâmica 1

1 - Como é a sua casa? Quem mora com você? Tem bicho de estimação? Tem plantas? Como é sua família? O que você mais gosta na sua casa? Bora fazer um desenho da casa que você mora? Desenha as pessoas da sua família?

2 - Qual o seu trabalho? Há quanto tempo faz isso? Tem carteira assinada? Onde fica seu trabalho?

3 - Você estudou em uma escola? Como era a sua escola? Você gostava? O que era legal na sua escola? Por que você parou de ir pra escola? E a escola dos seus filhos?

4 - Você tem celular? Usa o whatsapp? Você usa muito ou pouco? Tem grupos no seu whatsapp? Como você faz pra usar? Alguém lhe ensinou? O que mais você faz no celular?

5 - Você já teve aula de artes? Quais tipos de arte você conhece (ex.: dança, teatro, poesia, pintura)? Tem algum que gosta mais?

Roteiro elaborado pela professora Solange Coutinho para a primeira entrevista/dinâmica com as mulheres.

Na primeira dinâmica que tentei conduzir, elas foram extremamente tímidas. Pediam para não ser fotografadas, deixando apenas que eu gravasse suas vozes. Nessa dinâmica, pedi que desenhassem suas casas (Figura 4), e depois fui de uma a uma pedindo que me explicassem o desenho, e com algumas perguntas num roteiro (Roteiro da Dinâmica 1) preparado junto com a Professora Solange Coutinho. Tentei fazer cada pergunta do roteiro em ordem, repetindo cada pergunta para todas as mulheres de acordo com a posição em que estavam sentadas em suas carteiras dispostas em círculo.

No início respondiam apenas ao que eu perguntava, mas em menos de cinco minutos depois de começar, talvez por uma necessidade de contar suas histórias, já estavam querendo me falar muito mais do que eu tinha pensado em pesquisar. A atividade que eu havia planejado que durasse cerca de 15 a 20 minutos acabou se estendendo em uma conversa enquanto desenhavam que se prolongou por mais que uma hora e meia.



Figura 4: Desenho de Ana Lúcia na primeira dinâmica, sua casa com seus filhos dentro. (Foto: da autora).

Então, contaram histórias cada vez mais particulares. As mais falantes estimularam as outras e no fim das contas todas desvelaram histórias bastante pessoais. Relatos cheios de sofrimento e dificuldades, que culminaram nas suas situações atuais.

Hoje, são todas mães e a maioria também avós, uma tem bisnetos. Moram com seus filhos e netos, e têm suas casas próprias. A partir do que recontaram, eu penso que nesta altura de suas vidas é que finalmente conseguiram ter um pouco de

tranquilidade e conforto. Carregam memórias muito sofridas, e não obstante o peso disso, ao longo do relato percebi que transparecem orgulho de tudo que conquistaram com muita luta.

A partir dessa primeira dinâmica e do contato com a professora do projeto eu pude angariar bastante informação. Em resumo, sobre suas preferências, elas gostavam de desenhar e pintar, achavam as aulas terapêuticas e não se incomodavam que o material fosse infantil.

Também gostavam muito de poesia (Figura 5), que frequentemente eram trabalhadas em aula. Na segunda versão do livro, incluímos as poesias que elas estudaram após as suas histórias. Quase todas essas mulheres eram ou haviam sido trabalhadoras domésticas. Acredito que só uma tinha exercido outra atividade, ela tinha trabalhado numa padaria e por não ser completamente analfabeta tinha conseguido disfarçar sua dificuldade na leitura das comandas e manter o emprego.

Na minha primeira visita, fiz uma pequena apresentação sobre o que era o design e o que eu fazia como designer, com exemplos de trabalhos. Mas, devido à inconstância na frequência, nem todas as participantes estavam presentes neste dia. Ao mesmo tempo, durante os demais encontros, algumas atividades desenvolvidas por mim, pareciam semelhantes àsquelas da professora (Figuras 6 e 7). O que causou um esquecimento (da designer) ou uma mistura dos papéis, o que de certa forma foi positivo para o projeto do livro.

Na aplicação do material didático desenvolvido na disciplina de Memória Gráfica e Design, tive uma surpresa. A fonte que eu tinha escolhido então, tal como a que estou usando neste memorial, tinha um desenho particular do 'g', que embora eu mesma nunca tinha reparado, pareceu para as educandas ser uma letra inteiramente nova que nunca tinham visto antes.

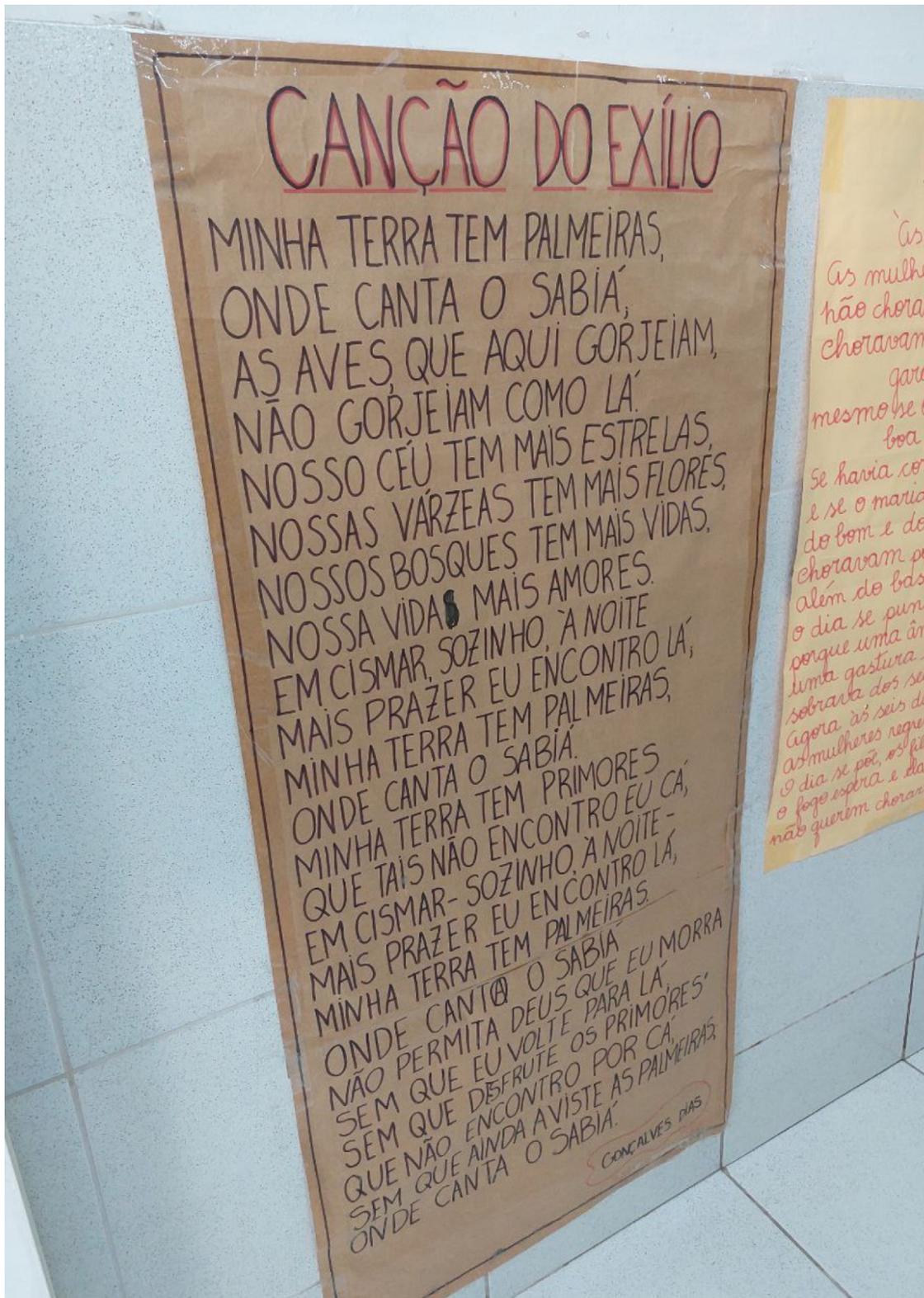


Figura 5: Cartazes confeccionados pela professora, com poesias favoritas das educandas, que decoravam a sala de aula (Foto: da autora).

Para qualquer nova atividade fiz o registro de que precisaria ter cuidado com as formas das letras. Quando relatei isso a Solange, ela me disse que pensou que isso aconteceria, mas preferiu esperar para assistir ao desenrolar da experiência sem intervir imediatamente.

Aos poucos as educandas foram se acostumando com a minha presença e até perguntavam por mim, caso eu não fosse a um encontro. Muitas delas passaram a achar que eu era um tipo de professora auxiliar, até porque me pediam ajuda durante as atividades e eu não tinha como negar.

Durante os intervalos, que elas chamavam de “recreio”, elas tinham um pequeno lanche, e nesse tempo algumas conversavam e me contavam histórias. Depois da primeira dinâmica, parecia que tinham tomado gosto por falar de si mesmas, e tinham muito o que contar.

Foi uma experiência muito rica. Fui muito bem recebida e acabei aprendendo muito com as estudantes e com a professora Maria José (Figura 8). Tive a chance de conhecer mais sobre as histórias de cada uma e sua situação de vida ali naquela comunidade em Aguazinha.

Exercício de separação silábica

FILHOS -

MATERNIDADE - - - -

REGISTRO - -

SOFRIMENTO - - -

HISTÓRIA - -

25

Figura 7: Exercício de separação silábica que compus conjuntamente às palavras cruzadas. Na última aula antes de quando planejava apresentar esses exercícios elas estavam fazendo esse mesmo tipo de atividade, e como ainda tinham dificuldade resolvi acrescentar.



Figura 8: Foto da turma, com a professora Maria José (de blusa branca) (Foto: da autora).

A Diagramação do Livro

Há hoje duas versões desse livro. A primeira versão já foi impressa na ocasião do encerramento do ano letivo de atividades, a “formatura” (Figuras 9, 10 e 11), e na época precisei me apressar para elaborar tudo a tempo. Depois do evento foi que eu pensei em fazer desse projeto o meu projeto de conclusão da graduação, e procurei a professora Solange Coutinho para me orientar. A partir de suas recomendações, foi produzida a versão final do livro, que temos planos de fazer imprimir e possivelmente vender para custeio das aulas, e outras iniciativas de apoio às mulheres da comunidade de Aguazinha.



Figura 9: As educandas cantando uma música, lendo a letra em seus encartes, na cerimônia de conclusão em 01/10/2022.



Figura 10: Educandas do projeto segurando o livro Retrato e coordenadoras, em torno da mesa com bolo. Eu apareço à esquerda junto com minha mãe.



Figura 11: Maria Helena junto com a professora Maria José, em frente a um estande com a ilustração de capa impressa, no momento em que recebeu o livro.

Cometi alguns erros devido à pressa e também por não ter tido chance de fazer uma impressão de teste. Só havia visto alguns vídeos do livro impresso antes do dia da cerimônia, mas não tinha tido nenhum contato direto. O que mais salta aos olhos foi que acabei trocando o próprio título, estampando “Retratos” em lugar de “Retrato”. O planejamento da capa e contracapa também foi deficiente, tendo cordões passando no “R” na capa, e transpassando as ilustrações. Apresentarei a seguir algumas comparações da versão inicial e da final, e do exemplar impresso (Figura 12 e 13).

O primeiro passo na diagramação do livro foi definir a estrutura e organização geral do projeto. Levando em conta o título dado pela professora Maria José, “Retrato”, e aproveitando o trabalho de fotografia feito pelo Lucas Moreira, decidi que tentaria dar hierarquia semelhante às fotos das mulheres e aos textos que lhes descreviam; sendo os dois componentes valiosos desse retrato que ali era elaborado (Figura 14).

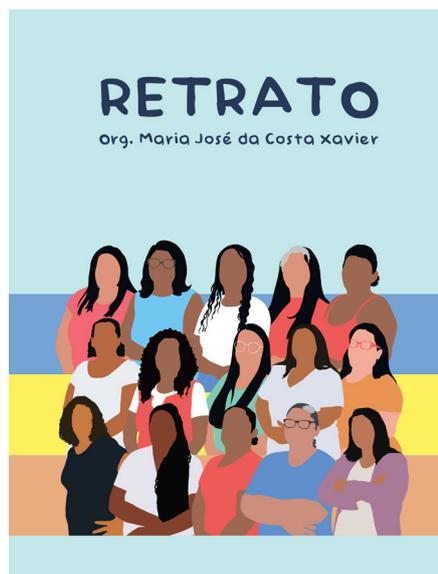
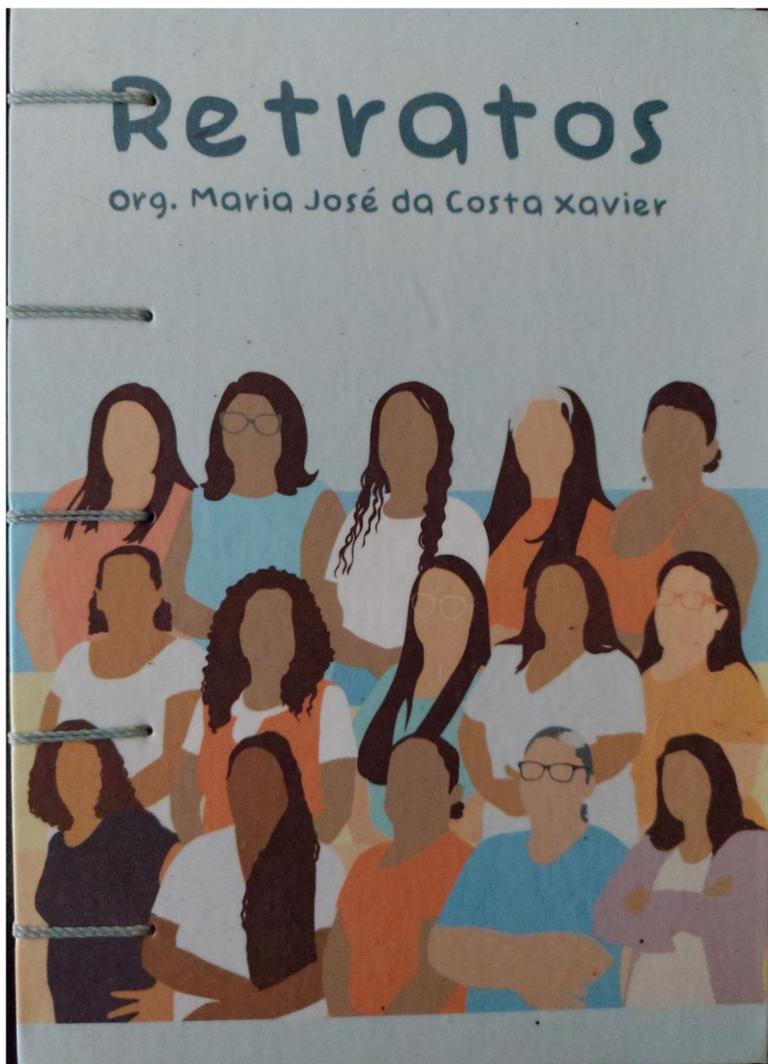


Figura 13: Capa corrigida para impressão posterior

Figura 12: Capa na versão impressa.
(Foto: da autora)

Ao planejar o layout das páginas, minha prioridade foi garantir a legibilidade do texto, pensando principalmente nas próprias autoras como leitoras. O livro seria impresso artesanalmente por uma membro da igreja RIO, que me deu as especificações sobre seu processo. Ela imprimiria em folhas A4, que depois seriam dobradas e costuradas, portanto o formato das páginas seria A5. Já sabia que precisaria usar um tamanho maior na fonte, devido aos problemas de visão das autoras, então espaço seria um desafio.

Escolhi uma fonte a princípio que me pareceu bastante legível, com serifa, a Linux Libertine (Figura 14), e que posteriormente acabou sendo substituída por outra (Gill Sans), indicada pela minha orientadora – com base em trabalho produzido por Daniel Álvares Lourenço de recomendações tipográficas para atender as necessidades de leitores iniciantes em aprendizagem. Escolhi o corpo tamanho 14 pontos para facilitar a leitura. De acordo com este tamanho, foi definido um espaço de entrelinha de 17 pontos, para uma boa fluidez na leitura.

Nas primeiras avaliações com Solange, ela me sugeriu que representasse uma moldura em torno das fotografias, aludindo ao título e reforçando o conceito (Figura 15). Depois de alguns testes com essa representação, foi selecionada uma versão um tanto minimalista, mas que trazia cores fortes a partir das roupas de cada mulher, cada uma tendo uma cor única (Figura 16). Assim conseguimos conectar as histórias de todas, que têm tantos pontos em comum, ao mesmo tempo que destacamos sua individualidade. Aplicamos também as cores aos títulos que elas mesmas deram aos seus textos, trazendo uma coesão e identidade particular para cada um (Figura 17).



Figura 14: Aplicações das fontes Linux Libertine e Gill Sans. Fonte: Wikipédia.



Figura 15: Versão inicial do livro, com a fonte Linux Libertine no corpo de texto e Baby Doll no título.



Figura 16: Versão pós-orientação, com Gil Sans MT no corpo de texto.

Quando todo o trabalho mais estrutural estava finalizado, então se iniciava a revisão cuidadosa de cada linha. Eu editei semanticamente para que não houvesse nenhuma linha terminando em preposição ou conjunção, assim como que nenhuma página terminasse na primeira linha de um parágrafo ou começasse em uma última linha.

A parte inicial do livro, a apresentação escrita pela professora, mudou consideravelmente em relação ao original. Inicialmente eu seguia o mesmo padrão para cada texto do livro, mas juntamente com Solange, decidi diferenciar esse conteúdo. Para isso, usei o formato de duas colunas (Figuras 18 e 19).



Figura 17: Páginas do livro na versão final em visualização de leitura.

	<h2>APRESENTAÇÃO</h2> <p>É com muita alegria que estamos apresentando esta coletânea de textos autobiográficos a qual denominamos RETRATO.</p> <p>Ela de fato, é parte do retrato de um trabalho que começou em agosto de 2021, onde, para além do letramento, investimos na história de vida de cada mulher na perspectiva do resgate da autoestima e da construção de novas possibilidades de cidadania.</p> <p>A coletânea é também, e principalmente, o RETRATO de muitas vivências que agora se encontram, se percebem e tentam se redirecionar.</p> <p>A base do nosso trabalho tem sido a leitura e interpretação de textos diversos, com ênfase em poemas. Pouco a pouco gerou-se uma identificação que provocava um desejo de superação, tal qual as personagens que apareciam nas narrativas.</p> <p>Do contexto, surgia a interação com a nossa língua materna em um trabalho de codificação e decodificação, buscando-se entender como se organiza o nosso tão complexo sistema alfabético.</p> <p>Não é a nossa intenção denominar este momento de formatura, uma vez que entendemos a alfabetização como um processo contínuo, que envolve um conjunto de experiências de caráter cognitivo, emocional e socioeconômico de cada indivíduo. As hipóteses construídas em relação ao sistema de alfabetização são diversas e variam</p> <p style="text-align: right;">1</p>
--	--

Figura 18: Primeira versão da apresentação.

	<h2 style="color: #00AEEF;">APRESENTAÇÃO</h2> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> <p>É com muita alegria que estamos apresentando esta coletânea de textos autobiográficos, que denominamos RETRATO.</p> <p>Além de apresentar autorretratos, a publicação é parte do retrato de um trabalho que começou em agosto de 2021, no qual, para além do letramento, investimos na história de vida de cada mulher na perspectiva do resgate da autoestima e da construção de novas possibilidades de cidadania.</p> <p>A coletânea é também, e, principalmente, o RETRATO de muitas vivências que agora se encontram, se percebem e tentam se redirecionar rumo à superação de tantas dificuldades, através da aquisição de novas habilidades, como, por exemplo, o domínio da leitura e da escrita.</p> </div> <div style="width: 45%;"> <p>Para desenvolver esse trabalho, partimos da leitura e interpretação de textos diversos. Como gênero literário, priorizamos poemas e documentários, cujo pano de fundo remete às questões do universo feminino nos mais variados aspectos. Pouco a pouco, foi nascendo nas mulheres alfabetizadas um processo de identificação que provocava um desejo de superação, tal qual das personagens que apareciam nas narrativas.</p> <p>A partir dos textos, surgia a interação com a nossa língua materna em um trabalho de codificação e decodificação, buscando-se entender como se organiza o nosso tão complexo sistema alfabético.</p> <p>As hipóteses iam sendo construídas de acordo com as percepções individuais que envolvem um conjunto de experiências de caráter</p> </div> </div> <p style="text-align: right;">7</p>
--	--

Figura 19: Versão final da apresentação.

Por fim, o desenvolvimento deste livro foi um processo minucioso que abrangeu diversas fases de planejamento, design e revisão. A versão original, produzida sob pressa, diferiu substancialmente da edição a que chegamos, refinada com o auxílio das cuidadosas orientações da professora Solange Coutinho. Essa experiência proporcionou valiosas lições, enfatizando a importância de um planejamento apropriado, atenção meticulosa aos detalhes e flexibilidade para atender às necessidades específicas das pessoas. A escolha criteriosa da tipografia, do layout e das cores desempenhou um papel crucial na aprimoração da legibilidade, leiturabilidade e acessibilidade do livro.

A capa foi pensada como um convite, uma alusão a como aquele grupo de mulheres naquele momento embora seja visível, não é reconhecível. Ao abrir o livro, pode-se conhecer uma a uma, suas fotos emolduradas (como uma delas havia pedido, na formatura, para decorar sua casa).

Como um todo, esse projeto exemplifica como o design pode ser uma ferramenta mediadora e colaborativa na expressão e inclusão das vozes sub-representadas em nossa sociedade. Cada erro e ajuste representou um avanço para a realização do objetivo de dar visibilidade às mulheres de Aguazinha. É uma prova de que, com as ferramentas do DP e seguindo preceitos da educação popular, podemos restituir as falas que foram silenciadas, um passo em direção a uma sociedade mais justa.

Considerações Finais

Meu primeiro contato com estas mulheres da comunidade de Aguazinha foi indireto, durante minha entrevista com a Professora Maria José. Ela me recebeu em sua casa e eu lhe fiz várias perguntas, seguindo um roteiro planejado pela Professora Solange (vide entrevista completa no apêndice).

Na ocasião, soube sua faixa etária, que eram todas mulheres com mais de 40 anos e pelo menos duas com 70. Bem próximo ao local que sediava o projeto, havia antes um lixão, que foi aterrado pela prefeitura. A princípio pensei que haveria portanto muitas catadoras de lixo entre elas, mas na entrevista mesmo a Professora Maria me informou que na verdade só uma delas era catadora.

A grande maioria dessas mulheres havia sido trabalhadora doméstica, e várias delas continuavam a realizar serviços de limpeza regularmente. Além disso, não eram completamente analfabetas. Todas já haviam experimentado a educação formal em algum momento, mas enfrentaram várias frustrações ao longo do caminho por diversos motivos.

Meu interesse maior naquele momento era no material didático usado em sala, e o método da professora. Ela me disse que preferiria chamar de oficina de leitura, dar outro nome além de curso ou aulas, porque havia um grande problema de frequência, afora dificuldades de ordem cognitiva e bloqueios emocionais, que acabavam prejudicando uma cronologia ou linearidade. As aulas acabavam sendo quase sempre muito semelhantes, sem progresso de complexidade.

A igreja RIO conduz alguns projetos para aquela comunidade, um deles, chamado Dona de Nós, focado nas mulheres, é que sediava este projeto de alfabetização. No mesmo prédio

ainda aconteciam outras atividades, buscando incentivar as mulheres residentes. Promovem doações de roupas e calçados, de cestas básicas. Também levam palestras, cursos e oficinas que possam ensinar atividades que possibilitem a elas gerar renda. Quase nos mesmos horários poderiam acontecer essas outras atividades, o que a professora Maria chegou a citar como um agravante para o problema de frequência das mulheres. Por serem extremamente carentes, elas não podiam se furtar de participar de qualquer ação que pudesse lhes dar ganho direto de alimento e outros itens essenciais. Inclusive, em uma entrevista na cerimônia de formatura, promovida pela própria igreja na intenção de produzir um vídeo institucional, uma delas diz isso exatamente, que são muito carentes, e muito gratas pela atenção e pela ajuda. Por esse motivo, muitas vezes percebi que elas não eram completamente abertas com as pessoas que promoviam os projetos. Notei que buscavam as palavras que pudessem agradar as pessoas que ouviam, talvez pelo próprio instinto de sobrevivência.

Na minha primeira visita, levei para elas algumas imagens, de objetos e sinalizações que elas deviam encontrar no dia a dia, que representavam o Design. Usei as informações que colhi com a Professora Maria para isso. Sabia que alguma delas fazia venda por catálogo por exemplo, e usei este catálogo como um exemplo de produto de Design. Foi quando expliquei sobre Design e o que eu queria fazer ali. Elas foram bastante receptivas embora ainda parecessem um tanto desconfiadas do que é que eu poderia estar querendo com elas. Nesse dia, fiz apenas essa apresentação e principalmente fiquei observando a aula. Não queria roubar o tempo delas, não era muito e a frequência sempre um desafio. Por isso mesmo cada visita foi principalmente de observação e tentei levar atividades que usassem poucos momentos.

Por ocasião de uma ausência da professora um dia, entretanto, eu acabei tendo o tempo delas inteiramente. Sem a professora e com apenas umas poucas alunas, já que a maioria entendeu que não haveria atividades. Eu passei aquela hora e meia conversando com elas sobre o movimento armorial, que era o tema que eu queria trabalhar em Memória Gráfica. Maria

tinha me dito que elas tinham dificuldades de se localizar geograficamente, que elas não tinham boa noção de distância. Muitas nunca tinham ido nem mesmo tão longe quanto o Shopping RioMar, que fica a poucos quilômetros de lá. Achavam que era longe demais, assim como quem tinha família em outros estados, pensava que lá era praticamente um outro país. Viviam suas vidas realmente nos limites de até onde iam a pé, só naquelas redondezas. Não duvido que mesmo o preço de uma passagem de ônibus pudesse ser proibitivo também. Ainda assim me espantei que somente uma delas conhecia as obras de Francisco Brennand no marco zero do Recife. Ela me disse que ia até lá para vender água e outras coisas e por isso conhecia bem. Também era a única que conhecia Ariano Suassuna, porque uma de suas patroas havia presenteado o livro do Auto da Compadecida por seu marido ser fã do filme. Na contracapa ela tinha visto a foto, talvez a mesma que eu tinha levado para mostrar, do autor. Esta dinâmica me levou a concluir que não seria realmente possível trabalhar a memória gráfica delas com o movimento armorial mais clássico.

36

Ainda fiz uma tentativa levando para elas um impresso com a música “Eu Só Quero um Xodó” e uma ilustração de um casal dançando em xilogravura. Muitas conheciam a música, tinham vindo também do interior na juventude e gostavam de forró. Mesmo assim, só conheciam o cordel de novelas da globo. Outras, mais apegadas a questões religiosas ou de aparências, não quiseram ficar com o material e foram bem resistentes à atividade. Foi uma surpresa aliás elas não quererem levar para casa, já que sempre se animavam com material fotocopiado, colavam em seus cadernos e era como um brinde. Mesmo as que falaram que gostavam de forró na juventude, diziam que já não dançavam mais, algo que li como alguma repressão ou do grupo ou de preocupação com o que a professora iria pensar. A partir desse ponto discuti com a Professora Solange a possibilidade de abandonar o tema e procurar trabalhar o material didático para elas simplesmente com base em seu contexto, usando o que era familiar e que seria relevante no momento que estavam de aprendizagem, uma abordagem simples e livre de infantilização.

Nas nossas conversas mais particulares, eu acho que elas conseguiam ser mais francas. Provavelmente devido também à minha idade e aparência, sendo mais jovem que as administradoras e com bastante tatuagem, elas me identificavam como uma não-membro da igreja. Lembro de quando estava testando meu material didático com elas, tirando dúvidas de uma por uma, me dizerem que nem todas ali eram evangélicas. Outra me disse que era católica. Quando perguntado, grande parte delas dizia que seu objetivo era ler a Bíblia, mas depois daqueles momentos eu pensei que usavam essa justificativa principalmente para tentar agradar aos dirigentes e assim manter os benefícios que vinham colhendo.

Em relação aos meus primeiros encontros com elas, pude perceber uma notável evolução. Embora desde antes de eu chegar elas já estavam conseguindo algum progresso em sua leitura e escrita, e mesmo para aquelas que não estavam conseguindo avançar tanto, havia uma mudança de postura. Elas já não chamavam a professora e a mim de tia, como quando cheguei. Elas pareciam mais seguras e confiantes em si mesmas, a ponto de ficarem muito empolgadas com um fotógrafo vir tirar seus retratos quando no passado não queriam aparecer. Elas queriam aquelas imagens para si, quando antes não permitiram que eu fizesse registro além de suas vozes.

Quando fiz a primeira de todas as entrevistas deste trabalho com a Professora Maria José, eu expliquei para ela não apenas sobre a disciplina do curso para a qual estava fazendo aquelas atividades, mas também sobre minhas inclinações pessoais na área. Assim, porque ela sabia que eu trabalhava com livros, quando surgiu a ideia de montar a coletânea dos escritos das estudantes, ela me perguntou se eu poderia fazer o projeto gráfico e a diagramação. Foi uma alegria para mim poder reunir a experiência do projeto de Memória Gráfica e Educação com o Design Editorial, usando princípios do Design Colaborativo que vínhamos desenvolvendo por todo o trajeto.

Foi através de uma metodologia cuidadosa e uma abordagem sensível que pudemos juntas dar vida às histórias de vida das mulheres retratadas, utilizando o Design como mediador.

Desde o início, a definição da estrutura e organização do livro foi fundamental para transmitir uma narrativa fluida e envolvente. Ao utilizar o título “Retrato” e aproveitar o trabalho de fotografia realizado pelo talentoso Lucas Moreira, pude estabelecer uma hierarquia visual que atribui igual importância às fotos das mulheres e seus respectivos textos. Esses dois elementos valiosos se complementam, resultando em um retrato completo e emocionante de cada uma delas.

O planejamento cuidadoso do layout das páginas foi essencial para garantir a legibilidade do texto e uma experiência de leitura agradável. Com a escolha de uma fonte indicada pela minha orientadora, que fosse fácil para leitores iniciantes, e o dimensionamento adequado do tamanho da fonte, consegui criar um equilíbrio entre legibilidade e conforto visual. Além disso, ao definir um espaçamento adequado entre as linhas, levei em consideração as necessidades das autoras, muitas delas enfrentando problemas de visão. Dessa forma, busquei tornar o livro acessível e acolhedor para todos.

A revisão minuciosa de cada linha, reforçada pela minha orientadora, foi um passo crucial para aperfeiçoar o resultado final. Ao dedicar atenção aos detalhes, consegui alcançar um fluxo de leitura harmonioso e uma apresentação bem-feita.

Com a conclusão desta versão do livro, pretendo dar continuidade ao projeto e buscar a publicação para compartilhar as histórias e experiências das mulheres retratadas com um público mais amplo. Acredito que o design desempenha um papel fundamental de mediação em conectar pessoas e despertar emoções, e é com esse objetivo em mente que desejo ampliar o alcance do livro *Retrato*.

Espero que o resultado final consiga transmitir bem o quanto é emocionante ver essas mulheres se expressando e se redescobrimo através do domínio da leitura e escrita, o quanto esses conhecimentos que estão desenvolvendo afirmam suas próprias histórias e existências. Colaborar com elas enquanto colocam sua marca no mundo da melhor maneira que consegui, é a minha maior recompensa.

Referências

ANASTASSAKIS, Zoy & KUSCHNIR, Elisa. Trazendo o design de volta à vida: considerações antropológicamente informadas sobre as implicações sociais do design. In: Guilherme de Cunha Lima; Lígia Medeiros. (Org.). *Textos selecionados de design 4*. 1ed. Rio de Janeiro: PPDESDI/UERJ, v. 4 , p. 137-141, 2013.

ANASTASSAKIS, Zoy & PAES, Larissa. Reflexões sobre processos colaborativos de design, p. 936-946 . In: *Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design* [Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2]. São Paulo: Blucher, 2016. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/despro-ped2016-0080

ROBERTSON, Toni & SIMONSEN, Jesper. Participatory Design: An Introduction. In P. Halsall, T. J. Vitale, J. L. Chandler, R. W. Burch Jr., & L. D. Liben (Eds.), *Design Anthropology: Theory and Practice* Bloomsbury Academic, p.x-y, 2013,

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido* (50th ed.). Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo & NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer – Teoria e prática em educação popular*. Editora Vozes, 1982.

LOURENÇO, Daniel. *Tipografia para livro de Literatura Infantil: Desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers*. Curitiba, 2011. (Dissertação não publicada). Mestrado em Design de Sistemas de Informação, Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

Apêndice

Transcrição da Entrevista Inicial com a Professora Maria José da Costa Xavier

Prof. Maria: “Tu sabe que isso é da igreja, né, esse trabalho? Não sei se tua mãe falou. Eu posso acessar isso aqui, aula, metodologia, carga horária, isso foi o material que a gente pediu pra as alunas, o bem básico, assim, agora, eu uso material... não tenho livro didático, uso...”

Débora: Aham. A turma - tem várias idades, ou a mesma faixa etária?

Prof. Maria: A partir dos 40, e vai até quase 80, tem umas 2 de 70 e poucos anos, nessa faixa. Eu vou procurar o outro, porque esse aqui é o PP, mas tem ele em pdf. Eu trabalho com o quadro branco com revistas.

Débora: Revistas?

Prof. Maria.: com rótulos, embalagens, livros paradidáticos e material que eu produzo xerocando, muita xérox de atividades, basicamente isso.

Débora: E essa xérox é material seu, ou que você encontrou?

Prof. Maria.: Não, não, eu monto.

Débora: Você monta?

Prof. Maria.: é, pesquiso, monto, porque é de acordo com o que a gente tá desenvolvendo, né? Porque gosto muito de trabalhar com texto, parto muito de texto e dependendo do texto a gente, por exemplo, trabalhei o primeiro filme com elas, um documentário de uma catadora de lixo chamada Marilda. Era

uma mulher de rua que conseguiu se alfabetizar com quase 60 anos, elas se identificaram muito.

Débora: E tem catadora de lixo lá?

Prof. Maria: Tem uma. Mas tem muita empregada doméstica, é marido que não incentiva, né, às vezes casaram bem cedo, engravidaram, coisas assim, às vezes tem filhos de diferentes pessoas, né. E tiveram que interromper a trajetória de escola e muito parecida com a história de Marilda, aí a gente viu o texto, produzi com ela no quadro uma síntese de uma história de Marilda, aí a gente produziu um pequeno texto. Aí eu digito, reproduzo, aí todo mundo pega o texto mesmo que não saiba ler. Aí vamos trabalhar o nome Marilda, as sílabas, palavras que comecem com o som de Ma, que tenha Ma no começo, no início, no final, e forma outras palavras, aí por isso que esse material é produzido assim, não é um livro didático fixo. Se a gente fosse trabalhar com o livro didático, ou a gente teria que ter doações, ou o custo não seria viável. E também ele engessa, né, aí eu prefiro trabalhar mais...

41

Débora: mas existem já livros didáticos pra alfabetização de adultos.

Prof. Maria : Existem, há muito tempo, ainda estava na ativa, eu já me aposentei há 5 anos, e já existia o livro didático.

Débora: e você já teve algum contato com eles, ou não?

Prof. Maria Já, já, muito... conhecia muito, mas eu prefiro trabalhar...

Débora: aí a forma que elas respondem é didática, mais efêmera, quando a gente responde diretamente, respondem melhor?

Prof. Maria.: Com certeza.

Débora: já experimentou alguma dinâmica que achou que não funcionou?

Prof. Maria: Eita, agora eu... puxar a memória... daqui a pouco

me lembro...

Débora: durante as aulas, então, vocês sempre vão ter materiais diferentes? Todas as aulas vão ter materiais diferentes?

Prof. Maria. é, isso, ou o mesmo estilo, né? Mas com conteúdo diferente.

Débora: então você está continuamente produzindo material novo?

Prof. Maria. Sim, continuamente, pra cada momento tenho que previamente produzir o material.

Débora: e aí dentro desses materiais que você produz... semanalmente, você sente que tem diferença assim, que elas respondem melhor a algum tipo, ou não?

Prof. Maria. elas respondem bem quando é um material xerocado... por exemplo, uma atividade com esse material com gravuras, elas gostam muito, porque embora elas queiram copiar tudo que tá no quadro, porque vieram de uma prática de cópia... não é a primeira experiência delas de escola. São várias tentativas, então tem essa prática arraigada mesmo, né, da cópia, de botar no quadro e copiar e eu tenho a prática de mostrar pra elas que tudo o que a gente fala, a gente pode escrever, então muitas vezes eu gosto que elas pensem na escrita e reflitam sobre a escrita, aí eu escrevo pra fazer o paralelo entre som, grafia e trabalhar mesmo essa coisa da construção da palavra, mas elas querem escrever o tempo todo, e eu fico pedindo 'por favor, não escreva agora'. Elas preferem que vá já pronta xerocada, porque elas têm dificuldade também se for tipo, passa uma tarefa pra casa, e eu nem sempre faço, porque nem sempre elas fazem a tarefa de casa, é alguém que faz, é filho, é neto, é sobrinho, é alguém da família. Geralmente, os netos que fazem, aí eu...

Débora: é um método que acaba não funcionando né?

Prof. Maria: faço porque insistem muito, mas elas têm dificuldade na organização, naquela simetria, e às vezes copiam

e chegam em casa e não sabem o que copiaram.

Débora: aí a xerox acaba ajudando?

Prof. Maria: muito (x3), elas gostam, parece um prêmio.

Débora: elas gostam de levar coisa pra casa?

Prof. Maria: é, muito bom. Trabalho muito com o Silabaio, que eu construí.

Débora: ah, eu queria ver, teria como a gente ir lá?

Prof. Maria: Com certeza, tem sim, olha - cola, tesoura, papel, lápis, todo esse material eu deixo lá, e o que eu tenho aqui é só meu computador.

Débora: que tem o plano, não tem as coisas q vc usa lá.

Prof. Maria: é, e papel ofício, deixo uma parte aqui e outra lá, e a impressora tá aqui.

Débora: são quantas alunas na turma?

Prof. Maria: 12. a frequência está em torno de 12, né. No total a gente tem até 16, mas elas têm muito problema de frequência, muito mesmo, não é pouco, porque... tem sempre uma base. Tem as mais assíduas, mas tem umas que se revezam, passam muito tempo sem vir, e é ruim, dificulta muito.

Débora: acaba dificultando a linearidade, né?

Prof. Maria: o progresso, o tempo da gente é tão curto, algumas já se conscientizaram, e para elas dia de aula é compromisso fechado, mas tem umas atividades paralelas na comunidade, tipo, tem um projeto lá que distribui cesta básica, aí a cesta básica coincide com o dia da aula, tem projetos que pra elas participarem e receberem benefícios, tem palestras, alguma atividade, aí elas vão no dia da aula. Aí tem questão de faxina também. É inviável na sexta-feira, já tirei da quinta, a gente tá terça, e quarta, pra aliviar isso, e tem coisas assim de levar o neto pro médico, e coisas assim. Sempre aparece alguma coisa.

Débora: já aconteceu de elas trazerem algum material, ou pedirem pra trabalhar alguma coisa?

prof. sim, trazem, a moça que é catadora de lixo, ela encontra livros no lixo, coisas assim, aí traz, aí algumas vezes eu aproveito, histórias, texto.

Débora: mas elas trazem livros porque encontraram ou queriam ler uma receita por exemplo?

Prof. Maria:.. nao, elas pedem pra eu dar a receita pra elas, de alguma comida que eu levei, que às vezes eu levo um lanche, aí elas querem, aí a gente já trabalhou receita, mas eu ponho no quadro, elas copiam, mas meio que elas decoram, né? Porque, sabe como é, né, senão, vai ter dificuldade de... mas eu ponho e leio pra elas e tudo. Elas trazem, às vezes livro didático, fundamental, médio, que encontraram no lixo, na rua, alguma coisa, aí traz o livro. Aí eu pego algum texto e às vezes tem que eu considere interessante, até para valorizar, né. E aí uma das coisas que dificulta muito é a continuidade, essa questão da frequência.

44

Débora: acaba deixando as aulas um pouco...

Prof. Maria: fragmentadas, né?

Débora: tem que manter quase o mesmo nível, né, todos os dias.

Prof. Maria: exatamente. 2 desistiram, porque a gente começou esse projeto ano passado.

Débora: e é a mesma turma?

Prof. Maria: sim, tinham 3 com o nível de dificuldade altíssimo, que a gente chama na psicogênese da língua portuguesa, de pré silábico, que ainda não entende que a escrita representa o som da fala, né, a forma como o sistema de alfabetos se organiza, não tem a menor noção. E aí tipo assim, é, se você perguntar uma palavra que começa com Ba e alguém disser Baleia, aí a outra diz, Peixe, porque não raciocinam.

E aí a crítica de Paulo Freire, quando ele desenvolveu o método Paulo Freire, ele termina, ele desmistifica essa questão da cartilha, ele traz pro contexto do aluno, pra a partir dela fazer a palavra geradora, mas muito em cima de uma questão política, né, sociológica, a questão política dos camponeses, do trabalhador.

Débora: entendo, se ele não se localiza geograficamente, ele acaba não existindo politicamente, né? não se entendem como sujeitos políticos.

Prof. Maria: Isso, Freire avança nesse aspecto porque ele trabalha a partir da realidade do aluno, do educando, porém ele repete o padrão da cartilha, no sentido de decodificar sílabas. Por exemplo, quando trabalha com o pessoal da cons civil, tijolo, ele vai trabalhando todos os padrões silábicos, tá, te ti to tu... e a psicologia cognitiva dos anos 70 avançou e já desmistificou essa forma de aprendizagem, e aí eu penso um pouquinho assim diferente de Freire, porque ele se prende ao universo do educando.

45

Débora: o projeto Dona de nós tem outras coisas acontecendo ao mesmo tempo, ou só a aula?

Prof. Maria: tem o fuxico paralelo, mas as mulheres do fuxico já são alfabetizadas, e nas sextas feiras, tem o momento delas, que tem a atividades diversas.

Débora: minha mãe tá sempre nesse fuxico, ou só às vezes?

Prof. Maria: sempre, ela tá sempre.

Débora: é bom porque posso ter uma carona pra ir até lá.

Prof. Maria:.. é, ela vai nas terças. eu vou terça e quarta.

Débora: perfeito, pra mim, se eu puder ir, tirar as fotos,...

Prof. Maria: e elas são bem receptivas, são muito abertas, as pessoas que chegam.

Débora: eu tenho até um termo, que teria que ser assinado pra eu poder fazer as pesquisas. Aí no lugar de um curso, tá sendo uma...

Prof. Maria: qual nome que tu dá?

Débora: talvez uma oficina, né? Uma oficina de leitura que é contínua e não é linear exatamente.

Prof. Maria: é, isso. pode ser isso. É, apesar de que as duas que saiu, foi pela frustração, inclusive as duas eu não posso dizer porque aí teria que ser encaminhada pra um profissional, eu percebo outras barreiras de ordem cognitiva, entendeu? As duas que desistiram mesmo, e eu diria a você - com o tempo que a gente tem, dificilmente elas aprenderiam, mas elas avançariam, e esse avanço já poderia ser significativo quando elas tivessem a oportunidade de estar em outro espaço de alfabetização, elas já iam somar essa experiência ao longo do processo, mas elas não tiveram..

Débora: então foi uma questão de personalidade?

Prof. Maria: olha, uma tem uns interesses também, os interesses ficaram maiores que foi a questão de uma cesta básica que é distribuída por outro grupo, essa tenho que admitir, mas que elas têm que ter uma frequência nos mesmos dias da aula. tem 3 marias José na sala, comigo, 4. e a personagem principal é Maria José, né interessante? Quando eu falei que elas tem dificuldade de se localizar no espaço, eu agora refaço a fala também me lembrando dessa questão do tempo, aí eu não sei se é preguiça, ou é um bloqueio de não querer, não querer rememorar esse tempo, sentir muita resistência, a ponto de saber o ano em que nasceu. E uma aluna dizia assim "pra mim, passe uma atividade normal", ela queria uma tarefa pra ela copiar do quadro; tem muita resistência. Mas me diga lá, o que você pretende fazer com elas?

Débora: a intenção é eu resgatar as dinâmicas que são melhores, eu vi que elas gostam de desenho, de poesia... a minha intenção era produzir um material didático trazendo o tema Armorial, possivelmente alguma poesia do movimento, e com desenhos do movimento armorial também, essa é a ideia que eu tô agora,

assim, baseado no que você tá me contando que funciona, que não funciona, algo pra expandir o universo delas, talvez não tenham tido contato ainda com essa poesia específica.

Débora: as mulheres que fazem faxina também fazem faxina por ali, pelo riomar?

Prof. Maria: não, não é exatamente lá, mas são locais não muito longe, locais até aos quais elas vão andando. no máximo, aqui, torre, mas normalmente é Arruda...Aguazinha.

Débora: então elas só acessam o comércio local mesmo?

Prof. Maria: é, o acesso local, e coisa de revista. Avon, Natura, essas coisas, ainda não, é uma boa dica. Porque tem uma que vende, aí leva pra sala, umas 2.

Débora: pronto, a ideia da nossa cadeira é justamente trazer à memória gráfica, que apesar de elas não querem lembrar a memória, são baseadas em coisas que a gente vê desenhada, por exemplo o centro da cidade, a gente vê muitas placas feitas a mãos, com desenhos que a gente conhece, que a gente, vê então aquilo faz parte do mundo delas, da memória gráfica delas, e a gente queria trazer isso, a minha ideia original era trazer o mov. armorial.

Prof. Maria: qual o nome dessa disciplina?

Débora: memória gráfica e educação.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Franco, Débora Borba Prazim.

Livro Retrato: uma exploração por design colaborativo e educação popular /
Débora Borba Prazim Franco. - Recife, 2023.

47 p. : il.

Orientador(a): Solange Galvão Coutinho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2023.

10.

Inclui referências, apêndices.

1. Design participativo. 2. Educação popular. 3. Promoção da autonomia da
mulher. 4. Leitores adultos iniciantes. I. Coutinho, Solange Galvão. (Orientação).
II. Título.

760 CDD (22.ed.)

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Franco, Débora Borba Prazim.

Livro Retrato: uma exploração por design colaborativo e educação popular /
Débora Borba Prazim Franco. - Recife, 2023.

47 p. : il.

Orientador(a): Solange Galvão Coutinho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2023.

10.

Inclui referências, apêndices.

1. Design participativo. 2. Educação popular. 3. Promoção da autonomia da
mulher. 4. Leitores adultos iniciantes. I. Coutinho, Solange Galvão. (Orientação).

II. Título.

760 CDD (22.ed.)

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Franco, Débora Borba Prazim.

Livro Retrato: uma exploração por design colaborativo e educação popular /
Débora Borba Prazim Franco. - Recife, 2023.

47 p. : il.

Orientador(a): Solange Galvão Coutinho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2023.

10.

Inclui referências, apêndices.

1. Design participativo. 2. Educação popular. 3. Promoção da autonomia da
mulher. 4. Leitores adultos iniciantes. I. Coutinho, Solange Galvão. (Orientação).

II. Título.

760 CDD (22.ed.)